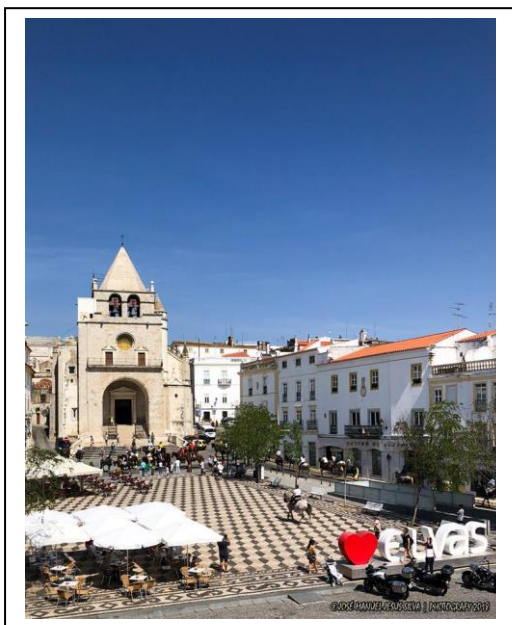


- Rota literária – A Chave do Destino de Luísa Currito

Nesta rota podemos ir revisitando alguns locais relevantes da narrativa onde a autora destaca alguns desses momentos mais representativos.

(dados da rota: 4km; tempo aproximadamente 2 horas)

1. Praça da República - Junto ao posto de turismo



O dia começou como tantos outros. Sem percalços, sem inovações, sem mudanças na sua rotina diária. O que para uns se poderia tornar num costume mórbido com o passar dos tempos, para ele era a conjuntura perfeita naquele seu cantinho que tanto amava e venerava.

- Afoooooonso... levanta-te, seu preguiçoso! - gritava a senhora a pulmões abertos, indo depois a reclamar até à cozinha: - com essa idade e ainda tenho de ser sempre eu a acordar-te. Se te

deitasses mais cedo, mas não, é sempre até às tantas da madrugada e depois de manhã é o que se vê. Aí Jesus! Este gaiato, não faço nada dele... Afonso salta da cama com um pulo, espreguiçando-se uma e outra vez, numa luta interna para se manter em pé. A noite passada tinha sido magnífica, o pessoal estava animado, e as horas foram passando sem que desse por elas. Frequentemente, encontravam-se ao final do dia para beber uns copos, conversar um pouco e partilhar momentos de alegria e descontração. Era na sua cidade que se sentia completo. Junto da sua família, dos seus amigos e vizinhos de infância. Depois de terminar os estudos optou por regressar à sua terra natal. Ao seu Alentejo. À cidade que o vira crescer e onde se sentia imensamente feliz. Afonso sentia-se feliz quando tinha a casa cheia de amigos. Era frequente convidar os amigos e estes vinham a Elvas e sentiam-se em casa. D. Maria, mãe de Afonso, adorava a casa cheia, pois para ela ter a casa cheia de gente era uma bênção de Deus e sinal de felicidade e alegria, motivo mais do que

suficiente para preparar as mais belas e diversas iguarias, que os “meninos” até lambiam os dedos. Quando saíam à noite, uma visita aos bares da vizinha Espanha, Badajoz, era obrigatória. A ementa era sempre alentejana constituída por Bacalhau Dourado; Sopas de Tomate com Figos; Migas de Pão Alentejano feitas no molho onde previamente tinha sido frito o Entrecosto e que depois, como nunca poderia faltar, eram acompanhadas com uma valente caneca de café bem forte; a Açorda Alentejana com coentros e ovo escalfado que lhes servia de madrugada, quando chegavam a casa já embriagados e lhes sabia tão bem, aconchegava-lhes o estômago, de tão maltratado que estava. Estas eram apenas algumas das delícias que todos adoravam. Pedro não dispensava o belíssimo Caldo Verde com chouriço da D. Maria e sabia que quando chegava a Elvas uma bela Sericaia com ameixas estaria à sua espera. Já António era louco pelo Arroz-Doce com aquele característico sabor a citrinos e o aroma a canela. Queixavam-se que sempre que vinham ao Alentejo engordavam três ou quatro quilinhos.

- Bom dia, mãe! - e ao mesmo tempo deposita na senhora um rechonchudo e sonoro beijo na bochecha.

- São oito e meia, Afonso! Quando é que aprendes a acordar sozinho rapaz!?

- E depois com o que é que tu te preocupas?

- Olha, tu não me irrites! Queres levar um estalo... - e desatam os dois a rir à gargalhada.

- Hoje tenho um almoço com a equipa do turismo. A Beatriz faz anos, não contes comigo para almoçar. Vamos todos comer à Adega Regional.

- Vens ao menos jantar a casa?

- Sim, mas não sei a que horas chego. Se vês que me demoro, não esperem por mim, eu depois como qualquer coisa.

Terminou o pequeno-almoço e subiu. Enfiou-se no duche e deixou a água correr durante um bom tempo. Aquele ritual matinal tinha o poder de o revitalizar e proporcionar a energia necessária para enfrentar as temperaturas tipicamente alentejanas. Esperava-o um extenuante dia de trabalho, mas sentia-se feliz, porque fazia o que gostava e dava-lhe imenso prazer divulgar o que de bom tinha a sua cidade. Ao olhar para trás, não sabia dizer se o trabalho o escolhera a ele ou se tinha sido ele a escolhê-lo. Afonso era simpático e cordial com todos os que se cruzavam no seu caminho. Tinha sempre uma palavra. Um elogio, um

piropo, uma atenção. Não importava se era novo, velho ou ainda pueril, mas aquele rapaz de olhos verdes e cabelos negros cativava qualquer um.

- Bom dia D. Mariana!

- Bom dia, menino Afonso. Atão a sua avozinha está melhor?

- Está sim, D. Mariana. Obrigado. Um bom dia para si!

- Adeus, menino! Porte-se bem! - e ao mesmo tempo esboçava-lhe um sorriso de orelha a orelha e cheia de orgulho daquele menino, que vira nascer, e a quem amava como se se tratasse do seu próprio neto.

2. Tabuleiro da Praça da República – de frente para a Casa da Cultura



Chamou a atenção para a Casa da Cultura, cujo edifício data de mil quinhentos e trinta e oito, que outrora serviu de Paços do Concelho, não deixando de mencionar que o mesmo foi construído junto à segunda

cerca islâmica. - A galeria que podeis observar é quinhentista e no portal, reparem, está o brasão da cidade com o cavaleiro e o estandarte. É uma obra do último terço do século XVIII. Sobre o cavaleiro da cidade, Gil Fernandes, e a sua célebre frase: “Morra o homem, fique a fama”, já vos falarei mais tarde. Sentia que apesar de repetir sempre a mesma lengalenga, cada intervenção era diferente da anterior porque procurava todos os dias acrescentar um pormenor, uma citação, ou fazer referência a mais um recanto escondido. Cativava o seu público através do entusiasmo que punha em cada palavra, do brilho que transmitia no olhar e da sua gesticulação enérgica e expressiva. Precedendo o grupo, subiu a escadaria que dava acesso à Catedral e conduziu-os para o seu interior, atento aos olhares deslumbrados, aos flashes das máquinas fotográficas e à curiosidade de quem quer saber mais.

3. Igreja de Nossa Senhora da Assunção - Sé



Reatando a sua retórica, dirigiu-se ao seu grupo, revelando-lhes a história e os segredos do templo elvense cuja construção remontava ao distante século XVI. - O atual edifício foi erguido em substituição de uma igreja

gótica e, num estilo manuelino, o projeto foi muito provavelmente efetuado por Francisco de Arruda. A estrutura geral do templo é formada por uma igreja-fortaleza ameiada de três naves coberta com uma abóbada nervurada. Também o nártex de entrada sob a torre e o portal lateral são de origem manuelina. O portal principal, este já de Miguel de Arruda, data de mil quinhentos e cinquenta e tem um carácter renascentista. A igreja passou a ser sede da diocese de Elvas em mil quinhentos e setenta, ascendendo deste modo a Catedral, ou como todos os Elvenses a denominam: Sé de Elvas. Atualmente, o seu nome é Igreja de Nossa Senhora da Assunção. Várias modificações se efetuaram nos séculos XVII e XVIII, o que apenas contribuiu para enriquecer ainda mais o seu interior. Na época do bispo D. Lourenço de Lencastre, a Igreja ganhou vários altares construídos com mármore de Estremoz, como se pode ver na capela-mor realizada por José Francisco de Abreu. Também nessa época foi realizada a construção, em talha dourada, do órgão, cuja autoria é atribuída ao italiano Pascoal Caetano Oldovini. Este magnífico instrumento musical esteve oitenta anos sem funcionar, mas hoje graças a um contrato de financiamento de projetos de património cultural, podemos voltar a deliciar-nos com a sua melodia. Para concluir esta visita ao templo, não posso deixar de vos convidar a conhecerem a magnificência da sala do cabido. Reparou como os jovens de há pouco se aproximavam, mantendo o ar trocista, e se juntavam ao grupo, atentos às suas palavras. Afonso tinha boa memória para rostos e tinha a certeza, não pertenciam ao seu grupo. No entanto, continuou a sua exposição oral, andando compassadamente por entre os olhares que o ouviam atentamente, até que

sentiu uma sensação estranha na barriga ao encontrar aqueles olhos cor de mel, tão doces e penetrantes que pareciam querer revelar-lhe a alma.

4. Arco de Miradeiro



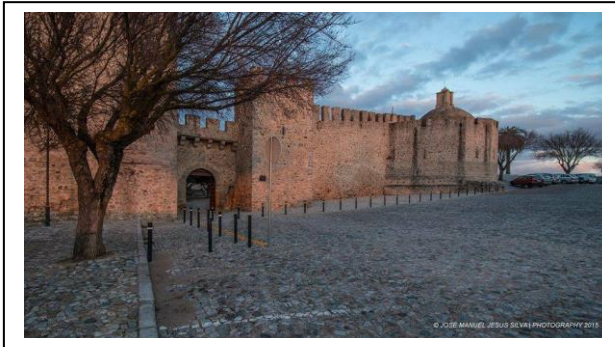
Kika estava no primeiro ano de licenciatura em História, na Faculdade de Letras em Lisboa. Ao saber que Elvas tinha sido elevada a Património Mundial da Humanidade, não pensou duas vezes e propôs como próxima visita de estudo a viagem à

cidade raiana detentora do maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo, as quais em conjunto com todo o centro histórico fazem de Elvas uma cidade única. Os percursos sugeridos eram diversificados, o difícil mesmo era decidirem-se por um. Resolveram que iriam fazer todos.

Vamos juntar-nos a eles! Têm um guia. - Sim, ninguém vai dar por nada. Mais dezoito, menos dezoito ninguém dá por isso! - contrapõe ironicamente Dr. Alves e desatam todos a rir à gargalhada. Assim fizeram, e quando os alcançaram já se encontravam dentro da Igreja de Nossa Senhora da Assunção. A imponência do monumento tem a particularidade de arrancar constantemente a todos os seus visitantes as mais variadas exclamações e olhares de admiração, mas naquele momento, e completamente alheia à arquitetura que a envolvia, Francisca vê-se refém de um corpo e de uns olhos que a cimentaram às lajes da igreja. O som da sua voz chega até ela e mal lhe deteta o sotaque alentejano não consegue evitar as borboletas que voam descontroladamente no estômago e comenta com Patrícia, a sua eterna, fiel e leal confidente: -Ai ai, Patricia! Tu estás a ver o mesmo que eu? - e agarra, sem controlar a intensidade da força, no braço da colega, forçando-a a olhar na direção do guia. - Auuuu, bolas, Kika! - grita de dor a amiga. - Desculpa!!! - responde Francisca, mas ao mesmo tempo fica completamente vermelha e envergonhada, porque naquele momento, todos,

incluindo o guia Afonso, estavam com os olhos postos nas duas amigas, porque tinham feito tanto barulho que todos tinham ouvido a conversa.

5. Castelo de Elvas



Perseguindo o som da voz do rapaz, seguiu-o até ao castelo. Pelo caminho foram várias as fotografias que capturou com a objetiva da sua Nikon. Alguns recantos mais sugestivos, as fachadas dos prédios, as

toponímicas, uma janela aqui, um portado acolá, e discretamente, mas não tanto quanto ela pensava, foi procurando o melhor ângulo dele, que apesar de estar rodeado de turistas conseguia captar as suas intenções, mas sem se mostrar incomodado, revelando até algum entusiasmo. Afonso deixou os seus turistas no miradouro, entre a contemplação e os registos fotográficos, e veio juntar-se a ela que, sozinha, permanecia afastada do grupo, tomando algumas notas no seu caderninho. Convidou-a a sentar-se no troço de muralha que circundava o castelo, com vista privilegiada sobre o paiol de Santa Bárbara e com uma sentinela ativa a vigiá-los: o Forte da Graça. Entretiveram-se à conversa, falando da sua paixão comum, a história, e descobrindo-se um pouco mais. Francisca contou-lhe o que a tinha trazido a Elvas e como a cidade estava a encantá-la. O seu sorriso maroto denotava muito mais do que diziam as suas palavras. Afonso observava-a embevecido, atento às covinhas que se formavam nas suas bochechas. - Que vontade de beijar estes lábios carnudos e tão sedutores! - comentava o rapaz para consigo, enquanto, se sentia ruborizar, com receio que os seus pensamentos fossem ouvidos por aquela Deusa do Olimpo que lhe tinha sido colocada no caminho sem que ele tivesse feito nada para isso. Francisca contou-lhe algumas das suas aventuras e desventuras em viagens anteriores. Ele ouvia-a deliciado como se lhe revelasse segredos inéditos. Teve a sensação que poderia passar o resto do dia ali, a ouvi-la, a saborear aquela doce melodia que saía dos seus lábios, embrulhada num sotaque de tia de Cascais que lhe

dava um ar ainda mais encantador. Ela, por sua vez, parecia rendida ao ar simples e descontraído de Afonso, ao seu sotaque alentejano, genuíno e sem pretensões de ser nada mais do que aquilo que era. Tinham vivências totalmente diferentes, quase antagónicas, prosseguiam diferentes objetivos de vida, em caminhos distintos, mas pareciam muito interessados em descobrir o desconhecido que cada um representava. O grupo terminou a visita livre pela muralha exterior do castelo e o dever chamava-o. No entanto ele queria convidá-la a visitar um lugar muito especial para ele.

6. Igreja Nossa senhora da Conceição



Deu por si nas traseiras da capela de Nossa Senhora da Conceição, no miradouro, de onde se avistava o casario branco e desalinhado da cidade e uma grande parte dos oito quilómetros do Aqueduto da Amoreira, que se estendia um

pouco abaixo dos seus pés e rasgava a paisagem. Kika não conseguia fechar a boca, surpreendida, e ele fitava-a encantado pela reação. Sentou-se, cruzando as pernas, e abrindo os sacos retirou as bebidas e as bifanas do seu interior, convidando-a a fazer-lhe companhia. Kika acedeu sem pestanejar, juntando-se-lhe, inebriada com a luz avermelhada que os cobria naquele final de tarde. Devorou a bifana sem proferir uma palavra, contemplando a maravilha à sua volta, o esvoaçar desalinhado dos pássaros e sentiu-se, como há muito tempo não se sentia, em paz. Respirou fundo e encheu os pulmões daquele ar que se revelava ser tão puro. A poluição era quase inexistente. Ali, conseguia ouvir o canto das aves. Ali, conseguia ouvir o canto do seu espírito. - Isto é lindo, Afonso. - Não tanto quanto tu - respondeu olhando-a nos olhos. O silêncio reinou por instantes, dando lugar a dúvidas e receios

e aos desejos incontornáveis despertados ao longo daquele dia extenso e intenso. Afonso aproximou-se dela, com a mão direita acariciou-lhe o rosto, com a outra puxou-a levemente para si, os olhares presos um no outro, e em perfeita comunhão, não hesitou em encostar os seus lábios aos dela, querendo conhecê-los, prová-los, sem pressa. Foi um beijo doce e suave que os aqueceu e deu lugar a outro mais voraz e sôfrego. O sol punha-se no horizonte e o manto negro da noite surpreendê-los-ia, ali, nos braços um do outro.

7. Praça D. Sancho II



Ao seu jeito, achava que era feliz. No entanto, um pedido para apoio e colaboração no desenvolvimento de um estudo sobre a vida de D. Sancho II – O Piedoso, veio trazer-lhe à memória o que nunca esqueceu. - Caramba com tantos Reis de Portugal para escolher, tinha logo de ser este! Aquele

pedido abriu uma ferida que após tantos anos, nunca chegou a cicatrizar. Trouxe-lhe à memória momentos gravados no coração. Fê-la reviver um amor vivido e não esquecido. D. Sancho II, um rei fortemente ligado a Elvas. Elvas, a cidade que a conquistou. E ali estava ela a alimentar-se de recordações. Sentada no escritório, olhando pela janela, observava os passarinhos que voavam e cantavam alegres no jardim. Dois deles pareciam cumprir um ritual de acasalamento. Sorriu. Lembrou-se de Afonso, e de como naquela noite, em que regressavam do bar, fizeram amor no Jardim das Laranjeiras e quase eram apanhados pelo guarda nocturno, que passava em vigília e, não fosse o facto de o pobre ser um pouco diminuído de visão tinha-os apanhado em flagrante. Há tanto tempo que não se permitia momentos de felicidade e ternura como os vividos em Elvas. Viajou pelo mundo. Foi onde quis. Conheceu culturas novas e diferentes das suas, mas nunca encontrou o amor, na sua mais pura e genuína

essência, como em terras alentejanas. Nunca o encontrou, porque sabia já o ter encontrado.

Que seria feito de Afonso? Será que ainda vivia em Elvas? Estaria casado e com filhos? Seria ainda guia? Viera embora sem dizer adeus. Era melhor assim. Odiava despedidas. Não tinha um único contacto dele. Nada. Apenas conseguia sentir ainda o seu cheiro. O seu toque. O seu peito. A sua paixão! - Tita! Titaaaa.... - Sim, menina! Credo, não precisa gritar. O que se passa? - Vou sair. Diz ao Jaime que me prepare o carro. Não sei a que horas chego, provavelmente não estarei para o jantar. Quando o Caetano acordar diz-lhe que amanhã tem de ir ele buscar a Benedita ao aeroporto. O avião chega às dez, por favor não o deixes atrasar-se. - Mas, menina, o que se passa? Onde vai? Está tudo bem consigo? Esses olhinhos, eu conheço-a, tenha cuidado consigo, menina! - Tita!... - abraça-a e deposita-lhe um beijo na face - eu tenho de ir...

Duas horas depois estava à entrada da cidade. A viagem decorreu tranquila. Era realmente magnífico e imponente o monumento que recebe os visitantes que entram pela parte oeste da cidade. Ainda se lembrava com perfeita nitidez da vista privilegiada, que do miradouro da Igreja de N.^a Senhora da Conceição, se tem sobre o Aqueduto da Amoreira. Estacionou o carro e decidiu dar uns passos a pé. Deu por si sentada na Praça D. Sancho II a ver o movimento dos carros, perdida com o olhar na Igreja de Nossa Senhora da Nazaré. Sabia onde queria ir, mas antes visitou apenas a Igreja do Senhor Jesus da Piedade. Entrou. Depositou um santinho no Santuário. Rezou. Acendeu uma vela e saiu em paz.

8. Pelourinho e a Sé



Ao olhar o relógio, constatou, quase em pânico, que tinha muito pouco tempo para revisitar a Igreja onde tudo tinha começado. Estacionou o carro junto ao Pelourinho. A Sé e o encontro com o passado estavam a uns escassos metros de distância.

Entrou confiante. Aproximou-se do altar. Ajoelhou-se. Benzeu-se e começou a rezar. Levantou-se, sentou-se no banco e deixou-se ficar a contemplar a imagem de Jesus Cristo. Mais uma vez aquele lugar apenas lhe transmitia paz, mas desta vez uma paz carregada de um vazio muito grande que se apoderava dela. Desejava poder ver o Afonso, mas não tinha coragem para o procurar. Na última noite que passaram juntos fizeram amor até amanhecer. Recordava particularmente as suas mãos, sempre suaves e inquietas. Deitada na cama, consentiu que ele explorasse cada milímetro do seu corpo. A sua língua quente e volumosa percorreu lentamente o interior das suas coxas, obrigando-a a gemer de prazer. Ele sabia como proporcionar-lhe o prazer que a carne suplicava. Ele sabia como amá-la e ela não soube retribuir esse amor. Fugindo cobardemente em busca de uma carreira profissional.

9. Fim da rota literária na Sé - A chave do destino - (Afonso na Sé)

Subiu os degraus, olhando o chão forrado com o mármore de Estremoz, e entrou na igreja, atento aos turistas que deambulavam entre nichos. Continuava a adorar apreciar desconhecidos. Ler-lhes os rostos. Imaginar-lhes os



pensamentos. O seu espanto não teve limites ao encontrar a dona daqueles olhos cor de mel onde vivia aprisionado. A boca abriu-se-lhe e julgou estar a confundi-la com

outra pessoa. Olhou mais detalhadamente e não teve dúvidas: era ela, mais madura, mais mulher, mas igualmente linda e quase que conseguiu sentir o seu cheiro. Reparou que ela não o tinha visto, olhava em redor parecendo procurar algo ou alguém. O seu coração acelerou e as borboletas voltaram a encher-lhe

a barriga depois de anos de migração. Avançou para ela, tentando perceber se estava acompanhada. Não viu ninguém por perto. Conteve o impulso de correr ao seu encontro. O que estaria ali a fazer? O que a teria levado a Elvas passado tantos anos? Porque é que não o procurou? Tinha tantas perguntas na sua cabeça. Procurou manter uma distância considerável de modo a poder estar a contemplá-la, mas ao mesmo tempo impedindo que ela o visse. Poucos eram os turistas que ainda ali se encontravam, aproximava-se a hora do fecho. A pouco e pouco, os visitantes foram saindo silenciosamente.

Oculto nas colunas centrais deixou-a sair com o intuito de a seguir. Queria perceber para onde iria e o que viera ali fazer. Foi o último a sair, oferecendo um sorriso ao Padre Manuel, que era quem fazia as honras da casa nesse dia: - Até amanhã, meu filho, Deus te acompanhe. Já na rua, procurou-a com o olhar. Não a viu. Uns escassos metros era tudo quanto os separava, mas quis o destino que assim não fosse. Um som ensurdecedor chama a sua atenção, alertando-o para um veículo que a roncar irrompia a alta velocidade, pela rua lateral da igreja e que dá acesso ao Pelourinho. O condutor perdeu o controle da viatura, abalroando os transeuntes que ali se encontravam. O coração de Afonso parou naquele momento. Não a via. Procurava-a e não a encontrava. Correu na direção do veículo na esperança de as suas suspeitas não se confirmarem. Ouviam-se gritos por todo o lado. O pânico instalou-se em quem por ali deambulava. As pessoas, agarradas ao telemóvel, tentavam chamar os bombeiros. Duas das pessoas em quem o carro tinha embatido encontravam-se em choque, mas aparentemente ilesas. Choravam nervosamente a sorte que tinham tido. O mesmo, não podiam dizer da senhora que heroicamente os afastara do perigo, não conseguindo evitá-lo ela mesma. Afonso, em pânico, corre ao seu encontro, os seus olhos perscrutam a rua na esperança de a ver. Aos encontrões afasta tudo e todos e constata que é Kika quem ali se encontra, debaixo do carro. Tenta tocar-lhe, sente medo e um frio sobe-lhe pela espinha. Pega-lhe na mão, mas esta está inerte. Todo o seu corpo se encontra inanimado e aparentemente sem sinais vitais.